

O desenvolvimento de habilidades harmônicas em aulas de piano para crianças de 7 e 8 anos: resultados de um projeto piloto

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Luciano de Barros Carneiro UFMG luciannodebarros@hotmail.com

> Betânia Parizzi UFMG betaniaparizzi@hotmail.com

Resumo. Neste artigo apresentamos os resultados do piloto de uma pesquisa de doutorado em andamento. O objetivo do piloto foi testar atividades direcionadas ao desenvolvimento de habilidades harmônicas (percepção e performance) em crianças, com vistas a verificar sua aplicabilidade na fase de coleta de dados da pesquisa. O referencial teórico levantado revelou escassez de pesquisas focadas no ensino de harmonia para crianças (MANDANICI, 2019) e a complexidade deste conceito para essa faixa etária (COSTA-GIOMI, 1994). Esse plano experimental foi conduzido em aulas de piano para crianças de 7 e 8 anos do curso de Iniciação Musical de um Conservatório Estadual de Música de Minas Gerais. Assim, excertos de vídeos de oito atividades foram compartilhados com três professores, especialistas no ensino do piano para crianças, para que analisassem as atividades (segundo seus próprios critérios), apontando aquelas que julgassem mais adequadas, conforme objetivos da pesquisa, justificando essa escolha. Pela Análise de Conteúdo (LAVILLE; DIONNE, 1999), as características das atividades testadas foram organizadas em seis categorias, delineadas no corpo do texto. Para exemplificar as estratégias pedagógico-metodológicas implicadas no transcurso do piloto, apresentamos duas atividades realizadas com os alunos de piano. Considerando os objetivos da pesquisa, os resultados indicam que o sucesso das atividades foi viabilizado por envolverem a maioria ou todas as categorias provenientes das análises dos dados. Por conseguinte, os resultados desse piloto nortearão o planejamento das atividades aplicadas na coleta de dados da investigação em andamento, além de apontarem caminhos metodológicos pertinentes para a aprendizagem de harmonia para crianças pequenas.

Palavras-chave. Ensino de harmonia para crianças, Percepção harmônica, Iniciação pianística com crianças

Title. The development of harmonic skills in piano lessons for children aged 7 and 8: results of a pilot project

Abstract. In this article, we present the results of the pilot of an ongoing doctoral research project. The aim of the pilot was to test activities aimed at developing harmonic skills (perception and performance) in children, with a view to verifying their applicability in the data collection phase of the research. The theoretical framework revealed a lack of research focused on teaching harmony to children (MANDANICI,





2019) and the complexity of this concept for this age group (COSTA-GIOMI, 1994). This experimental plan was conducted in piano classes for 7-and-8-year-olds in the Musical Initiation course at a State Music Conservatory in Minas Gerais. Thus, video excerpts of eight activities were shared with three teachers, specialists in teaching piano to children, so that they could analyze the activities (according to their own criteria), pointing out the ones they considered most appropriate, according to the objectives of the research, justifying this choice. Using Content Analysis (LAVILLE; DIONNE, 1999), the characteristics of the activities tested were organized into six categories, outlined in the body of the text. To exemplify the pedagogical-methodological strategies involved in the pilot, we present two activities carried out with piano students. Considering the research objectives, the results indicate that the success of the activities was made possible by the fact that they involved most or all of the categories from the data analysis. Consequently, the results of this pilot will guide the planning of the activities applied in the data collection of the ongoing research, as well as pointing to relevant methodological paths for learning harmony for young children.

Keywords: Teaching Harmony to Children, Harmonic Perception, Piano Initiation with Children

Introdução

O aprendizado musical deve, desde suas fases iniciais, enfatizar a experiência musical concreta, incluindo práticas como improvisação, composição, audição ativa, performance musical, movimento corporal e regência. Essas atividades constituem elementos cruciais no processo de ensino, estimulando a criatividade e incentivando a exploração de novas descobertas pelos alunos (SCHAFER, 1991; DELALANDE, 2019).

A pedagogia do piano tem seguido essa tendência proporcionando contribuições significativas por meio de metodologias de ensino voltadas para a iniciação de crianças ao instrumento. O ensino por imitação tem se destacado nesse contexto facilitando um aprendizado prático, objetivo e concreto, possibilitando a prática musical expressiva desde as primeiras lições.

Pelo fato desta abordagem prescindir da leitura musical, ela nos oferece oportunidades para trabalharmos outros importantes aspectos do aprendizado do instrumento como, por exemplo, o desenvolvimento das competências técnico-musicais básicas, compreensão musical e desenvoltura performática (REIS; BOTELHO, 2019, p. 11).

Cabe salientar que, em alguns materiais didáticos de iniciação ao piano encontramos peças que aprendidas por imitação incorporam estilos da Música Popular Brasileira, como a bossa nova, baião, forró, choro, etc. (BARROS, 2021; REIS; BOTELHO, 2019; LONGO, 2017; CAMPOS, 2014) Isto posto, salientamos que para a realização da pesquisa, pretendemos contemplar materiais didáticos e repertório de compositores brasileiros, atuantes na pedagogia do piano no país, tal qual arranjos de clássicos da MPB, músicas de tradição





oral, bem como aquelas que fazem parte do universo musical das crianças, além de composições autorais do pesquisador principal. Isso permite que os iniciantes se familiarizem com a cultura musical, plural e heterogênea do Brasil, promovendo engajamento e ampliando a legitimidade da nossa música nos mais variados contextos de educação musical.

O piano é um instrumento harmônico que desempenha um papel fulcral como acompanhador em diferentes atmosferas musicais. A compreensão harmônica por parte dos estudantes de piano e até mesmo de pianistas profissionais deveria ser habilidade basilar na formação. Todavia, é possível inferir empiricamente (pela experiência docente) uma realidade comum entre instrumentistas ao apontarem dificuldades em realizar análises harmônicas no próprio repertório. Isso pode ter relação direta com uma formação tradicional tecnicista e que enfatiza a leitura de partitura como um dos pilares fundamentais e hegemônicos. Ou seja, "mesmo aqueles que receberam treinamento musical podem não ser proficientes na aplicação harmônica à performance musical real" (LI, 2022, p. 1).

Assim como melodia e ritmo, a harmonia "é um componente essencial da música ocidental tonal" (KRUMHANSL, 2006, p. 82), base de nossa cultura musical. À vista disso, devem ser vivenciados e instruídos desde a iniciação ao instrumento pois se complementam e designam sentido ao discurso musical de forma ampla e completa. A compreensão de intervalos, graus e cadências é crucial na educação musical, enquanto o domínio dos acordes enriquece positivamente tanto as lições de harmonia quanto a educação pianística em geral (CANGAL, 2012 *apud* KURTULDU; ODABAŞ, 2017, p. 189).

Por essas reflexões e pelo levantamento bibliográfico realizado até o momento no escopo dessa pesquisa, é possível inferir que a produção de estudos direcionados ao ensino de harmonia para crianças é significativamente baixa, indicando, portanto, que "pouca atenção tem sido dada aos programas de educação de harmonia para crianças [...]" (MANDANICI, 2019, p.242). Cabe ressaltar nossa compreensão de que "a harmonia é um dos conceitos mais difíceis de serem compreendidos pelas crianças" (COSTA-GIOMI, 1994, p. 68). No entanto, isso não significa que o desenvolvimento da percepção harmônica e sua prática ao piano não possam ser vivenciados e construídos nas aulas do instrumento para elas, respeitando seus estágios de desenvolvimento cognitivo e motor.

A fim de delinear a perspectiva conceitual que ancora nossa investigação, faz-se pertinente compreender, de antemão, a diferença entre sensação e percepção que norteia esse estudo. A sensação é descrita como o processo inicial de captação de estímulos através dos órgãos sensoriais. É a resposta bruta e direta aos estímulos do ambiente sem ainda passar por qualquer tipo de processamento ou interpretação. Por outro lado, a percepção é definida como





o processo pelo qual o cérebro interpreta e organiza essas sensações atribuindo-lhes significado. É um processo mais complexo que envolve a integração e interpretação dos dados sensoriais com base em experiências passadas, expectativas e contextos culturais. A percepção permite ao indivíduo não apenas detectar a presença de um estímulo, mas também compreender e reagir de maneira adequada ao seu entorno, evidenciando sua importância na educação (REIS, 2004, p. 50).

Pesquisas indicam que a percepção harmônica é detectável desde os primeiros anos de vida, com bebês de menos de um ano diferenciando entre acordes consonantes e dissonantes e preferindo harmonias mais simples (ILARI, 2014; SCHELLENBERG *et al.*, 2005; TRAINOR; HEINMILLER, 1998). Crianças de três anos já demonstram algum conhecimento harmônico sem aulas formais, mas o treinamento musical pode melhorar significativamente esse entendimento (CORRIGALL; TRAINOR, 2009; MARTINEZ, 2014). Estudos sugerem que a percepção harmônica começa a se desenvolver entre 4 e 5 anos, com habilidades em detectar mudanças de acordes em progressões simples em músicas familiares (COSTA-GIOMI, 1994). Por volta dos 6 ou 7 anos, as crianças desenvolvem competências fundamentais para a percepção auditiva, com um aprimoramento notável dessas habilidades, por volta dos 9 anos, devido ao amadurecimento e influência cultural. (COSTA-GIOMI, 2001; 1994; HARGREAVES, 1986).

As capacidades de percepção harmônica nas crianças se desenvolvem inicialmente pelo processo de enculturação, que envolve competências primitivas inatas, experiências culturais e um sistema cognitivo em rápido desenvolvimento (SLOBODA, 2008). A enculturação musical (GREEN, 2002) refere-se à aquisição de habilidades musicais pela imersão nas práticas do contexto social da criança. Logo, a exposição a diferentes manifestações musicais contribui para o desenvolvimento precoce da percepção harmônica, que pode ser aprimorada com formação musical, como em aulas de piano. No entanto, estudos sobre desenvolvimento harmônico têm focado em preferências e limitações das crianças pequenas, sem considerar processos de formação gradual em aulas de instrumento e sem fornecer apoio significativo para atividades de percepção de harmonia nas séries iniciais do ensino básico (COSTA-GIOMI, 1994, p. 84), o que justifica investigações sobre essa temática.

Neste artigo apresentamos os resultados do projeto piloto de uma pesquisa de doutorado em andamento intitulada "O desenvolvimento de habilidades de percepção





harmônica em aulas de piano para crianças", conduzida no Programa de Pós-Graduação em Música da UFMG, cujo objetivo é analisar o desenvolvimento de habilidades de percepção harmônica e sua aplicação prática em aulas de piano ministradas a crianças entre 7 e 8 anos. O projeto piloto visou testar atividades que trabalhassem habilidades harmônicas (percepção e performance) das crianças no intuito de verificar sua possível aplicabilidade na fase de coleta de dados da pesquisa, permitindo, assim, visualizar e implementar adaptações necessárias.

Desenho do piloto - percurso metodológico

As aulas de piano realizadas no piloto da pesquisa aconteceram em grupo no período de fevereiro a maio de 2024, totalizando 15 aulas. Participaram do estudo 16 crianças de 7 e 8 anos, mediante seu próprio consentimento (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE) e autorização dos pais ou responsáveis legais (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE). Essas 16 crianças foram distribuídas em 4 grupos (A, B, C e D) de 2 a 4 alunos(as), para cada horário de aula do instrumento. Cada aula teve duração de 50 minutos e ocorreu semanalmente, acompanhando o cronograma regular de aulas da segunda série do curso de Iniciação Musical do Conservatório Estadual de Música Pe. José Maria Xavier em São João del Rei (MG). Cabe ressaltar que todos os participantes eram iniciantes no instrumento, ou seja, não haviam frequentado aulas de piano antes de seu ingresso no curso.

As aulas transcorreram por um processo lúdico, divertido e prazeroso para as crianças, atrelando a esse percurso características de jogos e desafios musicais. Isso pois,

a criança é um ser 'brincante' e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, "transforma-se em sons" num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, "descobre instrumentos", inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos (BRITO, 2003, p. 35).

Portanto, no contexto da música, a ideia de jogo abrange uma importância fundamental: é tanto um meio quanto um fim em si mesmo. Comumente percebemos o jogo como uma estratégia engenhosa para captar o interesse das crianças. No entanto, neste caso, ele transcende essa função, constituindo a própria essência da música. O método – despertar o interesse das crianças através da prática musical – é indissociável do objetivo: envolver as

_



¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (COEP) da UFMG.



crianças na execução e inseri-las na dinâmica lúdica da música (DELALANDE, 2019, p. 32-33).

Ao todo, oito atividades que visavam trabalhar especificamente a percepção e performance harmônica das crianças, foram cuidadosamente planejadas considerando os objetivos da pesquisa, assim como as habilidades cognitivas e motoras dos(as) estudantes. Elas foram realizadas com as crianças no decorrer das aulas do piloto e registradas em vídeos como instrumento de coleta de dados. Excertos desses vídeos foram compartilhados com especialistas, todos com expertise no ensino do piano para crianças. O objetivo foi que eles analisassem as atividades, segundo seus próprios critérios, e apontassem aquelas que julgassem mais adequadas, conforme os desígnios da pesquisa, justificando suas escolhas.

As falas dos especialistas a respeito das oito atividades foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214-218). Esse tipo de análise, de natureza qualitativa, visa explorar a estrutura e os elementos do conteúdo - neste caso, os dados fornecidos pelos pesquisadores principais - na intenção de esclarecer suas diferentes características e extrair seu significado. Esse procedimento metodológico envolve um estudo detalhado do conteúdo, das palavras e frases, buscando encontrar seus sentidos, captar suas intenções, comparar, avaliar, descartar o supérfluo, reconhecer o essencial e selecioná-lo (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214-218).

As interpretações dos apontamentos dos especialistas foram guiadas pelo "modelo aberto" conforme a Análise de Conteúdo. Em tal modelo, as categorias emergem durante a análise, sendo útil quando o pesquisador estima aprimorar sua interpretação/compreensão do fenômeno estudado para formular hipóteses (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 219). Desse modo, buscamos encontrar nas falas dos especialistas padrões — unidades de significação que identificassem categorias que caracterizassem as atividades consideradas como as mais adequadas, levando em conta os objetivos da pesquisa. Essas categorias servirão como referência norteadora na elaboração das demais atividades que serão utilizadas na fase de coleta de dados da pesquisa.

Pela análise de conteúdo, as características das atividades consideradas mais adequadas aos objetivos da pesquisa, foram organizadas em seis categorias: 1) presença de contrastes auditivos claros; 2) atividades com funções harmônicas básicas, como tônica e dominante; 3) ludicidade e criatividade como fatores de motivação e engajamento; 4) preferência por performances compartilhadas com o professor; 5) utilização de abordagens motoras simples; 6) protagonismo das crianças. Um único ponto de inadequação foi apontado





pelos especialistas: uma das oito atividades exigiu das crianças um desempenho motor acima de suas habilidades técnicas no momento.

Atividades pedagógicas: experiências compartilhadas

Para um maior detalhamento das seis categorias, apresentaremos a seguir, duas das oito atividades analisadas pelos especialistas, com uma breve discussão considerando as categorias delineadas e o referencial teórico estudado, na intenção de contextualizar todo o processo desde o planejamento inicial, a aplicação prática, até as interpretações e análises subsequentes.

O repertório foi trabalhado por imitação. As crianças foram apresentadas às peças que seriam estudadas através da execução do professor/pesquisador. Na sequência, uma série de perguntas foram direcionadas a elas a fim de estimular a construção dos sentidos, forma, suas percepções sobre trechos iguais ou diferentes, etc. Nenhuma resposta foi dada pelo professor, ele apenas guiou os(as) participantes com indagações até que as respostas chegassem a uma conclusão oriunda das próprias crianças e a seu modo. Essas perguntas estimularam sua cognição por provocarem pensamentos e reflexões constantes. Isto é,

[...] os estímulos apresentados são interpretados pelos conhecimentos, às vezes chamados de esquemas cognitivos, adquiridos a partir de experiências anteriores. Em música, os esquemas cognitivos incluem, por exemplo, padrões típicos de ritmo e altura. A informação perceptiva é assimilada a esses esquemas, o que facilita a organização dos eventos sonoros em padrões e gera expectativas de eventos futuros (KRUMHANSL, 2006, p. 46).

Todo o processo aconteceu de forma coletiva e colaborativa entre o professor e as crianças. Como dispomos de dois instrumentos na sala de aula – um piano acústico e outro digital dispostos um ao lado do outro – após as orientações do professor, as crianças executaram as peças no piano, passo a passo, até que toda a obra fosse aprendida por imitação. Um fato interessante que percebemos ao analisar os dados, foi a disponibilidade de alguns alunos(as) em ajudar os(as) colegas com algum tipo de dificuldade.

Outro aspecto relevante foi a escolha de obras com letra. Inicialmente aprendemos a cantar as canções, depois realizamos a rítmica por meio de batimentos corporais, como palmas, mãos nas coxas, sons vocais. Isso se mostrou uma abordagem promissora, pois as crianças normalmente se guiavam pela letra e, desse modo, conseguiram tocar a música no instrumento com maior facilidade, enquanto cantavam as canções. Assim, "trazendo essa





estrutura para a aprendizagem do piano, as habilidades cognitivas se consolidam conforme a criança atua sobre o instrumento" (BEZERRA; FIALHO, 2020, p. 6).

Da mesma forma, os elementos harmônicos foram introduzidos de forma prática ao longo das aulas por meio da execução de notas duplas – intervalos harmônicos de tônica e quinta ou tônica e terça – tocadas simultaneamente com os dedos indicadores e, posteriormente, no ostinato rítmico de baixos alternados marcando a pulsação e acompanhando as melodias.

Atividade 1: Qual combina melhor? (Figura 1)

Figura 1 – atividade 1: Qual combina melhor?

Essa atividade foi repetida ao longo várias aulas e teve como objetivo identificar a percepção harmônica, sobretudo sua função no discurso musical, pela perspectiva das crianças apontadas em suas respostas. Nesta aula específica foi trabalhada a música O beija-flor. (REIS; BOTELHO, 2023, p. 32-34) (figura 2). Após sua apreciação e aprendizado, ela foi tocada de duas maneiras: 1) cada criança tocou a peça sozinha e depois todo o grupo tocou junto; 2) a mesma dinâmica foi repetida, porém com a adição do acompanhamento harmônico realizado pelo professor. Depois da segunda performance, as crianças foram questionadas: o que combina melhor? Tocarem sozinhas ou junto com o professor? As crianças afirmaram, prontamente, que preferiram tocar junto com o professor. Nesse sentido, outra indagação foi feita: Por que vocês acham que combina melhor tocarmos juntos? As respostas foram múltiplas, embora na mesma direção. Destacamos algumas falas das crianças aqui: "Porque a música fica mais bonita"; "Porque você toca um monte de notas juntas"; "Porque você faz transições"; "Porque a música ganha vida". As indagações referentes a esses acompanhamentos harmônicos foram gradualmente ampliadas e aprofundadas no decorrer das aulas com o objetivo de introduzir a contextualização conceitual do que se trata: a harmonia da música. Nesse sentido, em uma aula, um fato curioso ocorreu. Quando o professor perguntou à sua turma se alguém sabia o que eram aquelas notas juntas que ele tocava, a aluna H, 7 anos, prontamente respondeu: "É o acompanhamento!!!". O professor então perguntou como ela sabia disso. Ela relatou que ninguém a tinha ensinado, mas que todas as vezes que via alguém cantando percebia que tinha um monte de instrumentos tocando juntos, e completou: "Por isso eu acho que você toca o acompanhamento!!"

Fonte: elaboração própria





Figura 2 – trecho da partitura da música O beija-flor



Fonte: Piano Pérolas 2 (REIS; BOTELHO, 2023, p 32-34).

As análises dessa atividade, considerando as seis categorias apontadas pelos especialistas, mostraram as seguintes adequações à pesquisa:

- 1) Presença de contrastes auditivos claros: a percepção do contraste se deveu ao fato de que as crianças tocaram a melodia inicialmente sozinhas, e, posteriormente, tocaram junto com o professor, que as acompanhou.
- 2) Atividades com funções harmônicas básicas: a peça *O beija-flor* está escrita na tonalidade de Fá# Maior. O acompanhamento é estruturado em acordes de funções tônica (I) F# e dominante (V) C#7(b13). Nota-se que nesse acorde de dominante o acréscimo da dissonância do VI grau meio tom abaixo (b13), muito utilizado na harmonização em Música Popular, aumenta a sensação de tensão, característica intrínseca aos dominantes reforçando sua resolução na tônica. Ao ouvirem e tocarem a peça acompanhadas pelo professor, as crianças foram estimuladas a perceberem a sonoridade do acompanhamento e sua função no discurso da música, constituídas pelas funções harmônicas básicas.
- 3) Ludicidade e criatividade como fatores de motivação e engajamento: a prática musical em grupo se mostrou prazerosa e lúdica para as crianças. Além disso, tocar junto com o professor proporcionou maior confiança performática dos(as) iniciantes, tornando essa prática fundamental no ensino do piano. Ademais, a prática de tocar a quatro mãos torna as peças mais interessantes, além de fornecer aos alunos suas primeiras noções de harmonia (FARIA, 2007, p. 13).





- 4) Preferências por performances compartilhadas com o professor: As crianças verbalizaram sua preferência em tocar junto com professor, o que se manifestou em suas falas: "Porque a música fica mais bonita"; "Porque você toca um monte de notas juntas"; "Porque você faz transições"; "Porque a música ganha vida".
- 5) Utilização de abordagens motoras simples: a melodia foi tocada com os dedos indicadores, o que possibilitou uma performance quase imediata pelas crianças.
- 6) Protagonismo das crianças: as escolhas e as falas das crianças durante a atividade refletiram sua compreensão de que a harmonização conferiu à peça trabalhada uma sensação de completude, possivelmente por abranger aspectos melódicos, rítmicos e harmônicos, além da dimensão expressiva da performance. Cabe ressaltar que a perspectiva conceitual de protagonismo infantil adotada nessa pesquisa é norteada na compreensão de que ele é uma ação coletiva moldada por experiências de vida, implicando que as crianças interpretam e lidam com a realidade à sua maneira. As crianças têm a capacidade de tomar a iniciativa e servir de exemplo para os adultos, permitindo uma participação significativa independentemente de sua origem, sexo, idade ou cor, no seu contexto social. Este protagonismo se concretiza através de relações de respeito e apoio mútuo. Desde o nascimento, as crianças se revelam como descobridoras do mundo, expressando desejos e interagindo com os adultos (e com o mundo) com curiosidade. Por essa via, a presença de espaços sociais que permitam a livre expressão das crianças é fundamental (LIEBEL, Manfred, 2021, p. 415-422).

Os especialistas sublinharam a fala de H. mencionada na atividade acima. O fato de ela nomear a execução harmônica como acompanhamento sugere que a criança se ancorou em experiências musicais anteriores para construir e organizar novos esquemas em relação às novas aprendizagens (BEZERRA; FIALHO, 2020).

Atividade 2: Frevinho (figura 3)





Figura 3 – atividade 2: Frevinho

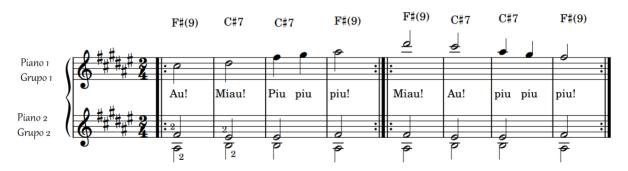
O perfil de alunos da escola é bastante diversificado atendendo a crianças de diversas classes sociais, raças, crenças e diferentes configurações familiares. O pesquisador percebeu a necessidade de trabalhar com músicas que pudessem ser aprendidas em menor tempo, isso devido ao número de crianças por aula, e também à necessidade de explorar ao máximo os elementos musicais e expressivos em cada música. Peça referência na pedagogia do piano infantil - Pai, Mãe, três filhinhos (PARIZZI, 2020) - tem como propósito situar as crianças na topografia do teclado, por meio dos agrupamentos em 2 e 3 teclas pretas, em que Pai e Mãe representam as duas teclas pretas, respectivamente, e três filhinhos as outras três, expressos na letra da peça. Inspirado pela obra, o professor/pesquisador compôs uma música com as mesmas características. harmonizada sob as funções de tônica e dominante e no ritmo do frevo pernambucano. Após aprenderem a música, exploramos a realização de contrastes de altura, intensidade e andamento, além de gestos técnico-musical-expressivos. A peça Frevinho está em tonalidade de Fá Sustenido Maior, a harmonia inclui os acordes de Fá Sustenido e Dó Sustenido com sétima menor. A prática harmônica foi introduzida pela realização dos acordes - F# (III e I graus do acorde) e C#7 (VII e III graus do acorde) em intervalos harmônicos (figura 4). Posteriormente, a atividade evoluiu para a execução harmônica com os baixos alternados (I e V graus de cada acorde, nessa ordem e em movimento descendente) marcando a pulsação (figura 5). A peça Frevinho, praticada muitas vezes sempre com o acompanhamento em frevo realizado professor, foi tocada pelas crianças organizadas em dois grupos: grupo 1 - melodia; grupo 2 - acompanhamento. Houve o revezamento de funções para que todas as crianças pudessem experimentar as duas harmonizações empregadas nessa atividade. Após algumas performances nessa configuração ao longo das aulas, o professor perguntou novamente às crianças: O que combina melhor? Tocar junto comigo ou sozinhas? Dessa vez, as crianças apontaram que, apesar de com o professor a música ainda ser mais bonita, desse novo jeito (organizadas em dois grupos), também combinava bem tocarem sozinhas. Além disso, essa atividade viabilizou uma conscientização social relevante na atualidade. A canção foi ensinada inicialmente partindo da letra original "pai, mãe e três filhinhos". Por conhecer a realidade estrutural familiar diversa, bem como na direção de romper com paradigmas de normatividade, as crianças foram incentivadas a criar novas famílias para a obra. Os resultados foram muito interessantes e contemplaram configurações familiares que refletiram seu contexto real. Houve família de "tia, tia e três sobrinhas", "mãe, vó, três filhinhos", "Vô, vó e três netinhos", "Au, Miau, piu-piu-piu". Nesse exercício, as crianças estimularam sua cognição e criatividade, além da prática performática ao piano.

Fonte: elaboração própria



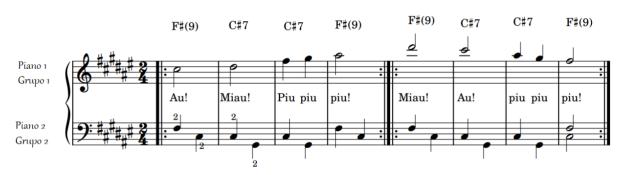


Figura 4 – Frevinho: harmonização em intervalos harmônicos



Fonte: elaboração própria

Figura 5 – Frevinho: harmonização em baixos alternados



Fonte: elaboração própria

As análises dessa atividade, considerando as seis categorias apontadas pelos especialistas, revelaram as seguintes adequações à pesquisa:

- 1) Presença de contrastes auditivos claros: os contrastes foram evidenciados pelas performances das crianças sozinhas (melodia) e, posteriormente, acompanhadas pelo professor. Além disso, os alunos experimentaram tocar a melodia em diferentes tessituras do piano. Ao tocarem a harmonia, o acompanhamento das crianças foi realizado na região grave em contraste com a melodia tocada na região aguda do instrumento.
- 2) Atividades com funções harmônicas básicas: a introdução da prática harmônica ao piano orientada pela realização de funções básicas em tônica e dominante dentro da tonalidade da peça *Frevinho*.
- 3) Ludicidade e criatividade como fatores de motivação e engajamento: a criação de novas letras para a música contemplou a criatividade e a ludicidade que, consequentemente,





estimulou maior engajamento dos alunos durante todo o processo, bem como abriu espaço para que eles refletissem seus contextos sociais e familiares reais de maneira democrática e divertida.

- 4) Preferências por performances compartilhadas com o professor: após a introdução de elementos harmônicos tocados ao piano por elas mesmas, as crianças pontuaram que a performance nesse formato também combinava bem. Apesar disso, a junção dos três planos sonoros melodia; harmonia realizada pelas crianças; acompanhamento em frevo tocado pelo professor reiterou a preferência delas pela performance musical compartilhada, explicitadas em suas falas como: "Nossa! Ficou muito divertido!"; "Que legal todo mundo tocar junto"; "Esse ritmo que você (professor) fez ficou igual música de carnaval!".
- 5) Utilização de abordagens motoras simples: a performance das crianças utilizando apenas os dedos indicadores de ambas as mãos possibilitou que elas tocassem melodia e harmonia ao piano. Assim, a realização de harmonias no instrumento se mostrou acessível às crianças por serem compatíveis com o estágio de desenvolvimento motor em que se encontravam.
- 6) Protagonismo das crianças: fato apontado novamente por suas falas e por sua própria iniciativa em pedirem para experimentar tocar ora a melodia, ora a harmonia e, até mesmo, nos dois pianos da sala. Além disso, as crianças tiveram espaço para expressar suas emoções sobre essas ações.

Considerações finais

Nesse artigo apresentamos os resultados de um projeto piloto realizado como parte de uma pesquisa de doutorado em andamento. O piloto visou testar atividades que buscavam trabalhar habilidades de percepção e performance harmônica das crianças ao piano e verificar sua possível aplicabilidade na fase de coleta de dados da pesquisa, permitindo assim, visualizar e implementar adaptações necessárias.

A partir da Análise de Conteúdo realizada nas falas dos professores especialistas sobre as oito atividades testadas, as características dessas atividades, consideradas mais adequadas aos objetivos da pesquisa, foram organizadas em seis categorias: 1) presença de contrastes auditivos claros; 2) atividades com funções harmônicas básicas, como tônica e dominante; 3) ludicidade e criatividade como fatores de motivação e engajamento; 4) preferência por performances compartilhadas com o professor; 5) utilização de abordagens motoras simples; 6) protagonismo das crianças. Deste modo, concluímos que o sucesso dessas





atividades nas aulas de piano foi possível por comtemplarem todas ou grande parte das categorias mencionadas acima e que, portanto, deverão ser abarcadas como eixos norteadores, nas estratégias metodológicas que serão aplicadas na coleta de dados da pesquisa. Este achado é crucial pois destaca a necessidade de metodologias pedagógicas bem estruturadas que não apenas ensinem música, mas também promovam o desenvolvimento integral das capacidades das crianças.

Os resultados do piloto possibilitaram também refletir sobre o prisma criativo como subsídio fundamental para moldar a postura do professor que busca alinhar sua prática pedagógica ao seu contexto real de atuação. O professor deve investir em desenvolver suas habilidades para criar e arranjar obras que atendam aos interesses estéticos dos alunos, às suas vivências pessoais fora de sala de aula e ao desenvolvimento de competências técnicomusicais, permitindo uma execução musical fluente e expressiva (BARROS FILHO, 2019, p. 22).

Nesta rota, acreditamos que ao compartilhar essas atividades e seus resultados seja possível estimular uma reflexão acerca da responsabilidade dos professores em contemplar, no processo de aprendizagem do instrumento, desde a iniciação de crianças, uma abordagem pedagógica ampla que, para além do desenvolvimento de habilidades técnicas, considere aspectos cognitivos, motores, emocionais e socioculturais dos(as) estudantes, bem como suas respostas a diversos estímulos – incluindo os estímulos harmônicos. Para que as demandas educacionais sejam compatíveis com as capacidades reais das crianças em aulas de piano, é crucial ter um entendimento profundo dos múltiplos aspectos envolvidos na construção do conhecimento musical (BEZERRA; FIALHO, 2020, p. 15).

Espera-se que os resultados finais deste estudo possam orientar futuras práticas pedagógicas e fomentar novos estudos que aprofundem a compreensão sobre o desenvolvimento de habilidades de percepção e práticas harmônicas ao piano com crianças.

Referências

BARROS FILHO, Eduardo Dias de. *A criação como ferramenta pedagógica no ensino do piano*: dando voz ao professor-compositor. 2019. 197p. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32216> Acesso em: 20 jun. 2024.

BARROS FILHO, Eduardo. D. F. *Pianíssimo*: Música e poesia. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2021. 121p.





BARROS, Matheus H. F; PENNA, Maura (orgs.) *Pesquisa-ação e Educação Musical*: desenvolvendo possibilidades. Petrolina: IFSERTAOPE, 2022. 145p.

BEZERRA, Denise Maria; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Analisando música na infância: uma abordagem cognitiva no ensino-aprendizagem do piano. *OPUS*, v. 26, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em:

https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2608>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003. 204p.

CAMPOS, Moema. C. *13 pequenas peças brasileiras:* coletânea para o iniciante de piano. Brasília: Verbis Editora, 2014. 60p.

CORRIGALL, Kathleen. A.; TRAINOR, Laurel. J. Effects of Musical Training on Key and Harmony Perception. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 1169, n. 1, p. 164–168, 2009. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.2009.04769.x. Acesso em: 8 out. 2023.

COSTA-GIOMI, Eugênia. El desarrollo de la percepción armónica durante la infancia. *Cuadernos In-teramericanos de Investigación en Educación Musical*, v. 1, n. 002, p. 43-56, 2001. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7687.2005.00447.x Acesso em: 10 jan. 2024.

COSTA-GIOMI, Eugenia. Recognition of Chord Changes by 4- and 5-Year-Old American and Argentine Children. *Journal of Research in Music Education*, v. 42, n. 1, p. 68–85, 1994. Disponível em: < https://journals.sagepub.com/doi/10.2307/3345338 >. Acesso em: 10 out. 2023.

DELALANDE, François. *A música é um jogo de criança*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2019. 238p.

FARIA, Sandra. C. A. DE L. *Piano a quatro mãos:* aspectos interpretativos e obras brasileiras para essa formação. Repositório Institucional da UFMG. 2007, p. 9-41. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/GMMA-7XQGNX>. Acesso em: 11 out. 2023.

ARAUYJO FILHO, Alfeu Rodrigues de. Pedagogia do Piano e a Ciência: Trajetória, Conquistas e Continuidade. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 9, n. 3, p. 1-26, 2021. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/vortex/article/view/4534>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn*: A way ahead for music education. Brookfield: Ashgate, 2002. 238p.

HARGREAVES, D. Developmental Psychology and Music Education. *Psychology of Music*, v. 14, p. 83–96, 1 out. 1986.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, v. 10, n. 7, p. 83-90, set. 2002. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435. Acesso em: 10 out. 2023.





KRUMHANSL, Carol L. Ritmo e altura na cognição musical. *In*: ILARI, Beatriz Senoi (Org.). *Em busca da mente musical*: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. Capítulo 2, p. 45-109.

KURTULDU, M. Kayan; ODABAŞ, Ezgi. Investigating the harmony lesson success and sight-reading skills of the piano students. *SED Journal of Art Education*, v. 5, p. 187-197, 2017. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/322126243 INVESTIGATING THE HARMONY LESSON SUCCESS AND SIGHT READING SKILLS OF THE PIANO STUDENTS > Acesso: 2 jan. 2024.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre; Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 340p.

LI, Jianhua. Automatic Piano Harmony Arrangement System Based on Deep Learning. *Journal of Sensors*, v. 2022, p. 1–13, 2022. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/362244084 Automatic Piano Harmony Arrangem ent System Based on Deep Learning > Acesso em: 29 jun. 2024.

LIEBEL, Manfred. Protagonismo Infantil/Children's Protagonism. In: TOMÁS, Catarina. *et. al. Conceitos-chave em Sociologia da Infância*: Perspectivas Globais. Braga. Uminho Editora, 2021. 463p. Disponível em: < https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.52 >. Acesso em: 2 ago. 2024.

LONGO, Laura. Divertimentos para piano. 2. ed. São Paulo: Ed. Do Autor, 2017. 80p.

MANDANICI, Marcela. *et al.* A Computer-based Approach to Teach Tonal Harmony to Young Students. *Proceedings of the 11th International Conference on Computer Supported Education*, 2019. Disponível em:https://www.academia.edu/64210972/A. Computer based Approach to Teach Tonal Harrowski.

https://www.academia.edu/64210972/A Computer based Approach to Teach Tonal Harm ony to Young Students > Acesso: 2 jun. 2024.

MARTINEZ, Elisabeth. C. *O projeto guri e a percepção harmônica em crianças de 6 a 9 anos:* um estudo sobre a aquisição do conhecimento da tonalidade e da harmonia no contexto do ensino coletivo de instrumentos em São Paulo. Campinas, 2014. 274p. Tese (Doutorado em música). Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: < https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/937381>. Acesso: 7 set. 2013.

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst. *Piano brincando*. 2. Ed., revisada e ampliada. Belo Horizonte: Fino Traço: Editora UFMG, 2020. 180p.

REIS, Bruno Edgar. Sensação e Percepção. *In*: REIS, Bruno Edgar; RODRIGUES, Elaine Wainberg Rodrigues (Org.). *Psicologia e Educação*: Fundamentos e reflexões. Rio Grande do Sul: EdiPUCRS, 2004. Capítulo 3, pag. 49-66.

REIS, Carla; BOTELHO, Liliana. *Piano Pérolas*: quem brinca já chegou! Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2019. 74p.





REIS; Carla; BOTELHO, Liliana. *Piano pérolas* 2: bichos da terra, da água e do ar. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2023. 93p.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. 399p.

SCHELLENBERG, E. G. *et al.* Children's implicit knowledge of harmony in Western music. *Developmental Science*, v. 8, n. 6, p. 551–566, 2005. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7687.2005.00447.x Acesso em: 4 jan. 2024.

SLOBODA, John. A. *A mente musical: psicologia cognitiva da música*. Trad. Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008. 384p.

TRAINOR, Laurel. J.; HEINMILLER, Beck. M. The, development of evaluative responses to music: Infants prefer to listen to consonance over dissonance. *Infant Behavior and Development*, v. 21, n. 1, p. 77–88, 1 jan. 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222477767 Trainor LJ Heinmiller BM Infants prefer to listen to consonance over dissonance Inf Behav Dev 21 77-88>. Acesso em: 10 out. 2023.

